

PROJETO PERSPECTIVAS: CONVIVENDO E COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS EM UMA PENITENCIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Camila Cardoso Menotti¹
Elenice Maria Cammarosano Onofre²

RESUMO

O presente estudo é resultado de pesquisa desenvolvida em uma penitenciária do estado de São Paulo, junto ao Projeto Perspectivas, com o objetivo de identificar os processos educativos decorrentes dessa prática social de conviver e compartilhar experiências, visando compreender como as pessoas se formam ao longo da vida e em diferentes contextos. A pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza como procedimentos metodológicos o convívio, a observação e conversas informais, registradas em diários de campo. Participaram como sujeitos cinquenta e um aprisionados, dois funcionários e três funcionárias da Penitenciária. Os participantes, através do diálogo com os pares e da reflexão sobre suas experiências de vida e no cárcere, têm a oportunidade de construir possíveis caminhos e projetos de vida para quando adquirirem a liberdade e desenvolvem habilidades que melhoram sua auto-estima, o que contribui no cumprimento da pena e no retorno à sociedade. Os dados coletados e analisados permitem repensar a prisão como um espaço que pode ir além da privação de liberdade, pois embora seja um ambiente de repressão, regido por normas e regras rígidas de controle, pode através de algumas práticas sociais desempenhar a essência de sua função que é promover a reintegração do indivíduo à sociedade.

Palavras-chave: Processos educativos; Práticas sociais na prisão; Direitos Humanos. Reinserção social.

INTRODUÇÃO

É possível que determinadas práticas sociais possam transformar o espaço prisional em um ambiente de reflexão e diálogo? O Estudo realizado em uma penitenciária do interior do Estado de São Paulo, especificamente em um projeto denominado Perspectivas, nos mostra

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/SP. E-mail: camilamenotti@yahoo.com.br

2 Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/SP. E-mail: eleonofre@ufscar.br

a relação estabelecida entre detentos e funcionários, que através do diálogo e da reflexão, buscam produzir bens, transmitir valores e discutir formas de viver em sociedade, visando transformar a realidade, que na maioria das vezes, é excludente e discriminatória.

A temática central deste estudo partiu do pressuposto de que os processos educativos são inerentes e decorrentes de práticas sociais que ocorrem em ambientes escolares e não escolares, identificando como as pessoas se educam ao longo da vida e em diferentes contextos.

No dizer de Oliveira et al (2009), práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes em que vivem, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas.

As práticas sociais se constroem nas relações estabelecidas entre "pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação" (OLIVEIRA et al, 2009, p. 5), visando repassar conhecimentos, corrigir distorções e injustiças sociais, garantir direitos, propor transformações nas estruturas sociais, buscar respeito e valorização das culturas marginalizadas, entre outros.

De acordo com as autoras e o autor, "nas práticas sociais promove-se formação para a vida em sociedade, por meio dos processos educativos que desencadeiam" (OLIVEIRA et al, 2009, p. 7). Sendo assim, pesquisar processos educativos em práticas sociais nos permite entender a realidade do outro, as relações estabelecidas, seus saberes, cultura e história.

É evidente que ao identificar processos educativos em práticas sociais, voltamos o olhar crítico ao monopólio pedagógico estabelecido pelas escolas, onde na maioria das vezes, pretendem ser consideradas como o único meio capaz de educar.

Entretanto, os estudos de alguns autores vêm mostrando que o aprendido em diversos espaços transitáveis pelas pessoas, se constitui como apoio para as aprendizagens que a escola proporciona. Paulo Freire (2001) caracteriza esses espaços como cidade educativa, ao afirmar:

A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós, mulheres e

homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estática ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, e pelas marcas culturais que herdamos (FREIRE, 2001, p. 22)

Portanto, para Freire (2001) as cidades enquanto contextos, não somente acolhem a prática educativa como prática social, mas também, se constituem em espaços educativos em si mesmas.

Atualmente, um dos maiores obstáculos encontrado pelo pesquisador ou pesquisadora está em compreender a fala das classes populares, não por questões linguísticas, mas por postura dos próprios profissionais, devido à "dificuldade em aceitar que as pessoas 'humildes, pobres, moradoras da periferia' são capazes de produzir conhecimento, são capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade" (VALLA, 1996, p. 178).

Nesse sentido, a compreensão do que está sendo dito, parte da capacidade de entender quem está falando. No dizer de Valla (1996),

Se a referência para o saber é o profissional, tal postura dificulta a chegada ao saber do outro. Os saberes da população são elaborados sobre a experiência concreta, a partir das suas vivências, que são vividas de uma forma distinta daquela vivida pelo profissional. (p. 179).

Assim, inserir-se em uma prática social com o propósito de identificar os processos educativos, requer uma aproximação do pesquisador ou pesquisadora com o grupo pesquisado, no sentido de estabelecer uma relação de respeito entre ambas as partes, pois não se trata as pessoas, grupos ou comunidades como simples objetos de pesquisa.

Freire (1992) nos alerta que o diálogo necessita ser constantemente feito “com” o outro e não “para” o outro. Nesse sentido, ao se inserir em uma prática social não se pode desconsiderar o saber de experiência do grupo e sua leitura de mundo.

O comprometimento com a realização da pesquisa “com” pessoas, grupos e comunidades marginalizadas e excluídas socialmente, se origina do encontro de subjetividades, pois “só estes podem falar sobre as experiências encarnadas de ‘marginalização’, ‘desqualificação’ e ‘exclusão’, bem como de suas resistências, lutas e reivindicações por uma sociedade mais justa” (OLIVEIRA et al, 2009, p. 14).

Diante dos apontamentos anteriormente colocados, procurou-se para este estudo selecionar uma prática social para realizar a coleta de dados, buscando estabelecer uma aproximação efetiva com o grupo e para compreender os processos educativos a ela inerentes.

Essa escolha partiu da experiência de quase quatro anos de trabalho na Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel” – FUNAP, vinculada à Secretaria da Administração Penitenciária – SAP, onde participei de atividades educativas como Coordenadora de Projetos Educacionais e Culturais, junto a unidades prisionais do Estado de São Paulo.

Através dos programas de educação, cultura, qualificação profissional e geração de rendas, a FUNAP busca contribuir para a inclusão social de presos e presas do Estado de São Paulo, estimulando seus potenciais como indivíduos, cidadãos e profissionais.

Ao longo dos anos de trabalho nessa Fundação estive inúmeras vezes em contato com algumas unidades prisionais, realizando encontros de formação com os orientadores e com os educadores.

Dessa maneira, conheci o trabalho realizado na penitenciária em questão e que possui na escola aproximadamente 450 alunos, além de desenvolver diferentes projetos que visam contribuir com a reintegração social dos detentos.

Em vista da diversidade de ações desenvolvidas nesta unidade prisional, optei por direcionar meu olhar para o Projeto Perspectivas, com o propósito de identificar a prática social e os processos educativos nele desencadeados.

O Projeto Perspectivas caracteriza-se por um grupo composto por 51 sentenciados, dois funcionários e três funcionárias da unidade

prisional, que se encontram semanalmente, para discutirem assuntos referentes ao cárcere e à reintegração social.

Ressalto que a própria busca pela compreensão dos processos educativos do Projeto Perspectivas se constituiu para mim em um aprendizado, visto que ao longo da pesquisa fui construindo conhecimentos e revendo conceitos pessoais e acadêmicos.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Diferentemente das outras ciências, nas Ciências Humanas o objeto da pesquisa é o próprio ser humano, com suas complexidades e em constante transformação. Assim, o pesquisador ou pesquisadora necessita realizar uma cuidadosa aproximação com o grupo pesquisado, com o intuito de compreender de dentro da prática social, a experiência de outros.

Considerando que o objetivo principal deste estudo foi identificar os processos educativos inerentes da prática social do Projeto Perspectivas, optou-se pela abordagem qualitativa, que parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o sujeito e o objeto. Para Chizzotti (1991), o objeto não é um dado inerente e neutro, pois está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

No dizer de Minayo (1994), ao contemplarmos o aspecto qualitativo do objeto, estamos considerando como sujeito de estudo, pessoas de determinadas condições e classes sociais, com suas crenças, valores e concepções de mundo.

Nessa direção, participar para melhor compreender o Projeto Perspectivas, aconteceu após cuidadosa inserção no grupo, buscando estabelecer uma relação de respeito e confiança entre as partes.

Foram realizados encontros com os participantes do Projeto, todos bastante ricos em significados, e que permitiram que eu me sentisse parte do grupo, na busca de compreensão de alguns dos processos educativos ali desencadeados.

Procurei ouvir atentamente, mas também fui ouvida e questionada pelos colaboradores. As narrativas e depoimentos eram sempre carregados de memórias e sentimentos relacionados às experiências vividas ou às expectativas do que irão viver ao retornarem à sociedade.

Busquei em todos os momentos estar atenta aos detalhes do dia-a-dia, direcionando meu olhar para as particularidades do ambiente prisional, pois o ato de pesquisar requer

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24)

Os dados advindos das observações, dos diálogos informais e das percepções foram transcritos em forma de diários de campo, visando auxiliar a memória no momento da análise das informações coletadas.

SITUANDO A PRÁTICA SOCIAL

A penitenciária foi inaugurada há aproximadamente 20 anos. É uma unidade masculina de regime fechado localizada na zona rural do interior do Estado de São Paulo.

Segundo dados da Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo – SAP (maio/2011), a unidade prisional possui capacidade para 500 detentos e o Anexo de Detenção Provisória³ possui capacidade para 272 internos. Entretanto, a penitenciária conta com 1.102 sentenciados e o Anexo de Detenção Provisória está com 499 presidiários, evidenciando assim o déficit de vagas.

Apesar das dificuldades encontradas com a superlotação, a unidade prisional desenvolve diversas atividades educacionais. O quadro a seguir, apresenta a distribuição dos alunos:

NÍVEL	ALUNOS	TURMAS
Alfabetização	220	08
Ensino Fundamental	170	06
Ensino Médio	70	02
TOTAL	460	16

Dados fornecidos pela penitenciária (maio/2011).

3 Local para presos provisórios que aguardam julgamento. O Anexo de Detenção Provisória é construído no interior de outra unidade prisional, visando desativar as cadeias públicas de determinada região.

Vale à pena ressaltar que a Alfabetização e o Ensino Fundamental são de responsabilidade da Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel” – FUNAP e o Ensino Médio é conduzido pela Secretaria Estadual de Educação – SEE.

A penitenciária oferece também aos seus internos, cursos de qualificação profissional, sendo o de espanhol, violão e artesanato financiados pela FUNAP e os demais, são ministrados por voluntários que recebem remição de pena pelo trabalho prestado, conforme quadro a seguir:

PROJETO	ALUNOS
Artesanato	25
Violão	25
Espanhol	25
Barbeiro	15
Perspectivas	40
Leitura e Produção de Texto	15
Mecânica	15
Inglês	15
TOTAL	175

Dados fornecidos pela penitenciária (maio/2011).

Além disso, a unidade prisional também conta com uma sala de leitura com acervo de 5.620 livros.

Devido à ausência de indústrias na região, a oferta de trabalho para os detentos é escassa, possuindo apenas uma fábrica da FUNAP que proporciona geração de renda para 20 homens.

Inseridos nesse espaço é que funcionários e funcionárias da unidade prisional, juntamente com alguns detentos, implantaram o Projeto Perspectivas com o intuito de conduzir a reflexão e o diálogo entre os participantes, buscando contribuir em sua formação, e na necessária reorganização do seu projeto de vida para quando conseguirem a liberdade.

Tendo como lema a frase “Projeto Perspectivas: reconstruir-se através de um olhar crítico da realidade” o projeto surgiu em 2008 e é uma parceria entre um agente de segurança penitenciária - ASP, o diretor de educação, uma assistente social, uma psicóloga, uma funcionária do centro de trabalho e educação e dois mediadores que se encontram em privação da liberdade.

Os encontros são semanais e acontecem todas as quintas-feiras, das 13h00 às 16h00, em uma das salas de aula do espaço escolar que fica no interior da penitenciária. O Projeto é dividido em

dois módulos e a participação é aberta apenas para os homens que estão matriculados na escola⁴.

No segundo módulo, os participantes (que são alunos da escola) são direcionados para uma das oficinas de qualificação profissional oferecidas pela penitenciária. Assim, o Projeto Perspectivas faz um trabalho integrado com a escola e com os cursos profissionalizantes, certificando⁵ ao final do ano.

Os participantes possuem condenações de aproximadamente seis a vinte anos de detenção, por crimes como roubo, sequestro, tráfico de drogas, latrocínio, entre outros. A faixa etária gira em torno dos 18 aos 30 anos, havendo poucos integrantes com idade acima dos 40 anos.

Devido ao pequeno espaço da sala de aula onde o Perspectivas é realizado, a meta era inscrever no máximo 25 participantes. Contudo, o interesse pelo Projeto vem crescendo ano a ano, sendo que no 1º semestre de 2011, houve adesão de 49 sentenciados.

Em suma, o Projeto Perspectivas garante aos participantes um momento de diálogo e reflexão, através de temas propostos pelos mediadores, que por serem privados da liberdade como os demais, conhecem as reais necessidades do grupo.

Com o tema determinado, os mediadores e o agente de segurança penitenciária – ASP, produzem textos que conduzem à reflexão e procuram relacionar o assunto com algum vídeo ilustrativo que é passado no dia do encontro.

A assistente social, a psicóloga e a funcionária são responsáveis pelas dinâmicas desenvolvidas com os participantes e auxiliam na condução da reflexão e do diálogo, juntamente com o ASP e com os mediadores.

Assim, o Projeto Perspectivas tem como objetivo principal levar os participantes a refletirem, através da experiência do cárcere, os motivos pelos quais estão presos e como será o retorno ao convívio social, além de proporcionar a estes, a elevação da escolaridade e a capacitação profissional, visando à transformação da realidade e a diminuição da reincidência criminal.

Como afirma Larrosa Bondía (2002), a experiência é tudo aquilo que nos passa, que nos acontece e que nos toca. Diante disso, fica evidente que somente os privados da liberdade podem falar da dor

4 A participação na escola é aberta para todos os sentenciados da unidade prisional, desde que o interessado não possua problemas disciplinares.

5 O certificado do Projeto Perspectivas é emitido pela própria penitenciária.

do cárcere, da saudade da família e do arrependimento pelo crime cometido, pois a experiência do aprisionamento pode promover mudanças no rumo de suas vidas.

Nessa perspectiva, o saber de experiência resulta da relação entre conhecimento e vida humana, ou seja, da forma como os seres humanos vão dando sentido àquilo que lhes acontece. Portanto, “se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 27).

Dessa forma, o Projeto Perspectivas possibilita ao detento, um momento onde ele tem voz para compartilhar suas experiências de vida com os demais participantes. Além disso, permite uma proximidade entre funcionários, funcionárias e sentenciados, estabelecendo uma relação de respeito, dificilmente encontrada em outros espaços da prisão.

CONVIVENDO E COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS NA PRISÃO

Retomando o significado de práticas sociais, o Projeto Perspectivas se insere em relações estabelecidas entre pessoas que almejam se tornarem protagonistas de suas vidas, transformando a realidade em que estão inseridas. Portanto, a prática social do Projeto Perspectivas pode ser considerada como o exercício de viver e partilhar “com” o outro as experiências de vida.

Na prática social de conviver e compartilhar experiências no Projeto Perspectivas “as pessoas expõem, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los” (OLIVEIRA et al, 2009, p. 6).

A roda de conversa que se estabelece nessa prática social permite aos participantes a realização do diálogo como prática libertadora. No dizer de Freire, o diálogo consiste em palavras verdadeiras relacionadas diretamente com a ação e reflexão. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 2005, p. 89).

Para o autor não há diálogo sem amor, humildade, confiança, esperança e fé no ser humano, uma vez que “dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens” (FREIRE, 2005, p. 90).

Dessa forma, os participantes do Projeto Perspectivas aprenderam a estabelecer entre eles uma relação de confiança, respeito, humildade e, acima de tudo, a possuírem esperança em dias melhores, possibilitando assim, o diálogo em um espaço que é de repressão.

A roda de conversa, sempre com um tema estabelecido⁶, permite ao apripionado falar sem punições e expor aos demais suas angústias e suas experiências de vida. Mesmo com um tema estabelecido, em todos os encontros, notou-se que os participantes são livres para colocar na roda outros assuntos que consideram pertinentes.

Falas do tipo *"estou aqui para buscar uma palavra de conforto"* ou *"o Projeto alivia nossa mente"*, evidenciam o quanto o momento de diálogo é valorizado pelos detentos e o quanto a relação de respeito estabelecida com os funcionários e funcionárias, os conforta do medo referente a não aceitação social diante seus antecedentes criminais.

Vale à pena relembrar, como anteriormente colocado, que em todas as práticas sociais há formação para a vida por meio dos processos educativos a elas inerentes. Nesse sentido, na prática de conviver e compartilhar experiências no Projeto Perspectivas, foi possível compreender que os participantes desenvolvem percepções e habilidades que os auxiliam no cumprimento da pena e na reintegração social.

Ao longo dos encontros, eles tiveram oportunidade de expor suas opiniões e respeitar a dos demais, aprenderam a se expressar, a argumentar, a ouvir e a compartilhar experiências vividas. Além disso, refletiram sobre seus atos, chegando à conclusão que pensar antes de agir é uma estratégia fundamental para a vida em sociedade.

Por meio dos depoimentos de participantes que já saíram em liberdade e retornaram para a prisão, revelaram sobre o quanto será difícil serem aceitos novamente pela sociedade, e que encontrarão muitas portas fechadas, porém ceder ao crime resultará novamente em privação da tão almejada liberdade.

A produção de textos realizada pelos mediadores também pode ser considerada como um processo educativo do Perspectivas, pois através da participação no projeto desenvolveram a habilidade de se expressar por meio da escrita.

6 Nos encontros que participei foram discutidos os seguintes temas: felicidade e tristeza, superação e relação de ajuda, família, confiança e autoestima.

A fala de um dos participantes "O trabalho (projeto) é para resgatar algo de valor que ficou pra trás", indica o quanto valoriza o espaço e as dificuldades que vai encontrar ao retornar ao convívio social: "Vamos sair como ex-presidiários e recomeçar a vida será bem difícil".

Os participantes do Projeto Perspectivas revelaram também que, muitos estão ali por falta de oportunidade na vida, por serem analfabetos, pobres, negros e marginalizados socialmente, e que a educação pode ser uma saída para o desvelamento e para a transformação dessa realidade. Por isso, o Projeto Perspectivas busca atrelar os momentos de reflexão e diálogo, com momentos de alfabetização e qualificação profissional.

Dados do Ministério da Justiça (apud CARREIRA e CARNEIRO, 2009, p. 18) apontam que 95% dos detentos são pobres ou muito pobres, 65% são negros, 60% são jovens com idade entre 18 e 29 anos, 8% são analfabetos e 70% não completaram o Ensino Fundamental. Os índices também apontam alta reincidência criminal, girando em torno de 50% a 80%.

Ao analisar o aumento da criminalidade no país e o contexto das unidades prisionais, alguns estudos corroboram esses dados e indicam que os presos são, em sua maioria, pessoas pobres e pouco escolarizadas, podendo ser consideradas como produtos do desajuste social e da segregação, das drogas e da miséria, do egoísmo e da perda de valores humanitários. (ONOFRE, 2002; PORTUGUÊS, 2001; LEITE, 1997).

Diante dos dados e dos relatos com que me deparei, ficou evidenciado que se deve lutar por uma sociedade menos injusta, onde a grande maioria da população, os marginalizados e excluídos, possam usufruir de uma vida mais digna e com qualidade, uma vez que somente buscando provocar mudanças nessa realidade excludente, pode-se reduzir os índices de criminalidade. Não adianta construir mais e mais presídios, se nossas crianças não possuem acesso à educação, à alimentação, à moradia e à saúde.

Como afirma Freire (2000), a educação jamais é neutra, podendo estar a serviço da transformação do mundo ou da permanência das estruturas injustas. É preciso batalhar por uma educação progressista, estimuladora da curiosidade crítica, onde os educadores assumam a postura de recusar afirmações como: "a realidade é assim mesmo." "O desemprego é uma fatalidade." "Galho que nasce torto, torto se conserva". Para o autor,

o nosso testemunho, pelo contrário, se somos progressistas, se sonhamos com uma sociedade menos agressiva,

menos injusta, menos violenta, mais humana, deve ser o de quem, dizendo não a qualquer possibilidade em face dos fatos, defende a capacidade do ser humano de avaliar, de comparar, de escolher, de decidir e, finalmente, de intervir no mundo. (FREIRE, 2000, p. 58)

É preciso inverter essa situação de marginalização o mais rápido possível, pois “quanto mais anestesiados historicamente, quanto mais fatalistamente imersos na realidade impossível de ser tocada, que dirá transformada, tanto menos futuro temos” (FREIRE, 1995, p. 82).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A missão histórica das prisões sempre foi a de recuperação e reintegração social do sujeito privado da liberdade. Entretanto, a arquitetura prisional e as rotinas a que os sentenciados são submetidos evidenciam os contrastes existentes entre os objetivos das políticas públicas penitenciárias e as reais práticas desenvolvidas no interior dos estabelecimentos penais.

Antes do século XVII a prisão era apenas um estabelecimento de custódia, onde os acusados de crimes, assim como doentes mentais, prostitutas, mendigos e outras pessoas que possuíam conduta considerada desviante para a época, ficavam detidas até a sentença. Somente no final deste século é que a pena privativa de liberdade foi institucionalizada e a prisão passou a ser o local da execução dessas penas.

Para Julião (2009, p. 51),

Recentemente, o modo de execução da pena vem ganhando destaque no estudo da penologia. Nota-se a relevância do estudo da execução da pena privativa de liberdade à medida que não tem ela somente a finalidade retributiva e preventiva, mas também, e principalmente, a reintegração do condenado à comunidade.

Entretanto, seguindo a lógica do capitalismo, a prisão não consegue atingir seu papel na (re)socialização dos privados de liberdade, visto que sua função repressiva e estigmatizadora⁷ são

⁷ Para Irving Goffman, estigma é um defeito reconhecido socialmente como tal, uma vez descoberto, outorga ao indivíduo portador do mesmo um status socialmente desvalorizado.

incompatíveis com o objetivo (re)socializador. Dessa forma, o sistema penal acaba possibilitando a manutenção das desigualdades sociais e da marginalização.

No dizer de Dussel (1998), o sistema capitalista é a totalidade, onde o marginalizado é visto como o "outro" que não se enquadra nos padrões da minoria, isto é, da classe dominante. Entretanto, a totalidade necessita desse "outro" para a manutenção do sistema opressor. Assim sendo, diante da exclusão e da marginalização, algumas pessoas acabam respondendo à sociedade com violência, indo contra a ordem moral determinada pela totalidade.

Para a lógica do sistema capitalista não há interesse que essas pessoas em privação de liberdade reflitam sobre a realidade em que se encontram, pois, como já dito anteriormente, os sentenciados são vítimas da totalidade e precisam continuar marginalizados para manter esse sistema perverso.

Quando nos deparamos com uma prática como a do Projeto Perspectivas, que acontece no interior de uma penitenciária de segurança máxima, fica evidente o quanto essas ações podem colaborar para a reintegração do indivíduo à sociedade.

Não basta retirar a pessoa da sociedade de pertencimento e inseri-la em outra, com a justificativa de que o isolamento e a privação de liberdade serão suficientes para devolvê-la com outra conduta, se não houver espaços na prisão que contemplem o diálogo e a reflexão crítica da realidade.

Ao me inserir como pesquisadora na prática social de conviver e compartilhar experiências no Projeto Perspectivas, foi possível vislumbrar que há pessoas e unidades prisionais que se mobilizam para realizar um trabalho educativo, com vistas à diminuição da reincidência criminal. Entretanto, foi possível perceber por outro lado, que mesmo nesta unidade prisional, onde acontecem algumas práticas educativas, existem funcionários que são contra a realização de trabalhos que buscam garantir ao apripionado o direito à educação, reflexão, diálogo e respeito.

Em um dos encontros do Projeto Perspectivas, fui questionada por um sentenciado sobre qual era minha visão sobre a prisão, antes

Tais são os casos, por exemplo, dos que praticam a prostituição e crimes, como também os que padecem de alguma desvantagem física ou psíquica ou alguma enfermidade. O indivíduo é diminuído e/ou estigmatizado pela sua carência de determinadas características consideradas como valiosas pela sociedade e/ou grupo (honradez, estética corporal, identidade de gênero). O estigma pode afetar tanto a um indivíduo como todo um grupo e é um elemento importante para a compreensão da discriminação. (GOFFMAN, 1988 apud JULIÃO, 2003, p. 39).

e depois de ter estado em uma delas, e como eu os enxergava. Foi então que pude perceber que antes de trabalhar⁸ no sistema prisional, jamais havia parado para pensar nas prisões - era como se não existissem para mim, pessoas em privação de liberdade.

Essa reflexão ilustra como as unidades prisionais são ignoradas pela sociedade em geral, que somente almeja retirar do convívio àqueles que não possuem 'boa conduta', esquecendo-se que mais cedo ou mais tarde, essas pessoas retornarão ao convívio social. O que estamos fazendo para possibilitar uma vida digna e longe da criminalidade para essas pessoas? E os estabelecimentos penais, será que estão cumprindo seu papel na reinserção social?

Desenvolver essa pesquisa no interior de uma penitenciária me possibilitou adquirir/construir conhecimentos fundamentais sobre esse espaço. No entanto, tal vivência teve um significado relevante para a minha formação enquanto cidadã, para a minha vida, meu crescimento pessoal, tornando-me capaz de compreender que trabalhos como o do Projeto Perspectivas contribuem para a reintegração social das pessoas privadas da liberdade, devolvendo a elas a esperança de dias melhores, ao lado da família e longe da criminalidade.

As penitenciárias, assim como a sociedade civil e organismos governamentais, necessitam investir em ações que não somente contemplem a punição pelo crime cometido, mas, sobretudo, que apostem na disseminação do princípio ético fundamental para a sobrevivência do mundo: o respeito à vida dos seres humanos.

PROJETO PERSPECTIVAS: LIVING AND SHARING EXPERIENCES IN A PRISON OF THE STATE OF SÃO PAULO

ABSTRACT

The present study is the result of a research carried out, with the Project Perspective, in a state penitentiary in Sao Paulo, aiming to identify the educational processes arising from the social practice of living together and sharing experiences, seeking to understand how people develop throughout life

⁸ Comecei a trabalhar no sistema prisional em 2007, atuando como estagiária de educação na Fundação -Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel- FUNAP. Em 2009, fui contratada como Coordenadora de Projetos Culturais e Educacionais da FUNAP, permanecendo na Fundação até março de 2011.

and in different contexts. The research is qualitative using, as a methodology, socializing procedures, observation and informal conversations, recorded in daily field journals. The subjects were fifty-one inmates, and five employees, being two males and three females of the Penitentiary. Participants, through dialogue with peers and reflection on their experiences of life in prison have the opportunity to build projects and possible ways of life when they acquire freedom and develop skills that enhance their self-esteem, which contributes to serve their sentence and return to society. The data collected and analyzed allow to rethink the prison as a space that can go beyond the deprivation of liberty, although it is an atmosphere of repression, governed by strict rules and regulations, it can, through some social practices, play the essence of its function in promoting the reintegration of the individual to society.

Keywords: Educational processes; Social practices in prison; Human Rights; Social reintegration.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. Historia mundial de las eticidades, las altas culturas y el sistema interregional, más allá del helenocentrismo. In: *Ética de la libertación em la edad de la globalización y de la exclusión*. Madri-México, Ed Trotta, 1998, p. 19-49.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CARREIRA, Denise e CARNEIRO, Suelaine. *Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação: Educação nas Prisões Brasileiras*. São Paulo: Plataforma DhESCA Brasil, 2009.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 49ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. Olho d'Água, 1995.

FUNAP - *Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel*. Disponível em: www.funap.sp.gov.br - 01/jun/2011.

JULIÃO, Elinaldo Fernandes. *Política pública de educação penitenciária: contribuindo para o diagnóstico da experiência do Rio de Janeiro*. 2003.

Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, PUC, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Elnaldo Fernandes. *A ressocialização através do estudo e do trabalho no sistema penitenciário brasileiro*. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2009.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, 2002, p. 20-28.

LEITE, José Ribeiro. *Educação por trás das grades: uma contribuição ao trabalho educativo, ao preso e à sociedade*. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde*. 3ª Ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1994.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. *Educação escolar na prisão. Para além das grades: a essência da escola e a possibilidade de resgate da identidade do homem aprisionado*. 2002. Tese (Doutorado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2002.

OLIVEIRA, Maria Valdenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aínda Victória Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. *Processos Educativos em Práticas Sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais*. Anais 32ª Reunião ANPED, 2009. (disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32a/arquivos/trabalhos/GT06-5383-Int.pdf>).

PORTUGUÊS, Manoel Rodrigues. *Educação de adultos presos: possibilidades e contradições da inserção da educação escolar nos programas de reabilitação do sistema penal de São Paulo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo. Disponível em: www.sap.sp.gov.br – 06/jun/2011.

VALLA, Victor Vicent. A Crise de Interpretação é Nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. *Educação e Realidade*. 21(2). 1996, p. 177-199.

Recebido em: maio 2012

Publicado em: julho 2012